



JEL UERJ
Jornadas de Estudos da Linguagem
02 a 04 de DEZEMBRO de 2010



A INSTITUIÇÃO DO FRANCÊS COMO LÍNGUA NACIONAL: UMA POLÍTICA REPUBLICANA

Felipe Barbosa Dezerto
fbdezerto@hotmail.com
Colégio Pedro II
Doutorando UFF

Palavras-chave: história das ideias linguísticas; análise do discurso; língua nacional; língua francesa; gramatização.

O trabalho que aqui se apresenta se situa num lugar teórico da História das Ideias linguísticas, tomando como pressuposto a Análise do Discurso francesa (Pêcheux). Vamos, aqui, discutir questões ligadas às condições de emergência da língua francesa enquanto língua nacional no período da Revolução Francesa (1789-1795). Nesse período, assistimos a um processo de instituição dessa língua e de estabilização de uma língua francesa forjada pela República, isto é, uma língua que funciona como um veículo da nacionalização e da instauração da República Francesa. É válido dizer, enquanto posicionamento teórico face ao funcionamento das línguas, que colocar o conceito de língua como uma questão política retira-a de qualquer funcionamento espontâneo ou natural. Segundo Orlandi (2002), *o político se caracteriza assim como lugar de disputa dos princípios que regem a vida social em suas diferenças, sendo ele próprio a prática dessas diferenças*. As línguas são instituídas, são instituições que não são desprovidas de historicidade, ao contrário, elas têm materialidade histórica e não se separam do político. Falar de língua é acionar uma memória; é recorrer a uma história particular; é retomar sentidos que significam essa língua em sua discursividade, ou seja, como ela significa na história, com suas disputas semânticas, seus jogos de poder, suas formas de significar e ressignificar.

Remontando ao momento de passagem do Antigo Regime para a República francesa, passagem esta promovida pela Revolução Francesa, pretendo pensar como essa virada acaba por realizar uma difusão massiva da língua, isto é, uma popularização do francês. Uma vez que a condição de multilinguismo ainda era uma realidade na França do século XVIII, falar em uma língua nacional não se podia. Era necessário que se construísse, isto é, que se instituisse uma língua que se pudesse afirmar nacional, da República francesa.

Mas não se trata, vale dizer, de qualquer francês. Estamos falando de uma língua que, ao mesmo tempo em que se gramatiza, se institui como língua nacional, como língua da República. Ou seja, queremos refletir como o processo de gramatização desta língua acompanha sua instituição enquanto língua nacional.

É, então, pensar sobre essas condições de emergência o objetivo deste trabalho. Sem perder de vista que a estabilização de uma língua não é dissociada de um processo político

que a acompanha, tomo essa estabilização como um processo discursivo que dá sentidos para a língua, que faz funcionar um imaginário de língua e de língua nacional, que ressignifica a língua francesa, atribuindo-lhe sentido de língua de todos; de língua do povo francês; de língua da nação francesa, contrapondo-se ao Antigo Regime em que apenas uma aristocracia letrada detinha aos saberes linguísticos e a língua latina ainda se fazia fortemente presente. Vamos pensar, também, nos instrumentos políticos de controle da língua que se forja como língua nacional e como se produz, por meio de aparelhos de estado (por exemplo, a escola), um sujeito que se sente pertencente a essa nação, passando pelo assujeitamento a essa língua republicana que passa a significar como a língua da nação francesa. Dessa maneira, a língua gramatical se revela como um modo de instituição da língua francesa, após um trabalho de racionalização sobre a mesma a fim de se fabricar e de se construir uma língua dita lógica, racional, que comparece nas gramáticas e dicionários sob o efeito de estabilidade e de unicidade. É, então, colocando a língua como efeito que se a retira de qualquer funcionamento que não seja histórico e ideológico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUROUX, Silvain. *A revolução tecnológica da gramatização*. Trad: Eni Orlandi. 2ed. Campinas, SP: editora da Unicamp, 2009.
- BRANCA-ROSOFF, Sonia (org). *L'institution des langues: autour de Renée Balibar*. Paris: Fondation de La Maison des sciences de l'homme, 2001.
- MARIANI, Bethania. *Colonização lingüística: línguas, política e religião no Brasil (séculos XVI a XVIII) e nos Estados Unidos (século XVIII)*. Campinas, SP: Pontes, 2004.
- MILNER, Jean-Claude. *O amor da língua*. Trad. Angela Jesuíno. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.
- ORLANDI, Eni. *Terra à vista: discurso do confronto: velho e novo mundo*. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Ed da Unicamp, 1990.
- _____. *Língua e conhecimento lingüístico: para uma história das ideias no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2002.
- _____. (org). *História das ideias lingüísticas: construção do saber metalingüístico e constituição da língua nacional*. Campinas: Pontes, 2001
- PAYER, Maria Onice. *Memória da língua: imigração e nacionalidade*. São Paulo: escuta, 2006.
- PÊCHEUX, Michel. *A língua inatingível: o discurso na história da linguística*. Trad. Bethania Mariani e Maria Elizabeth Chaves de Mello. Campinas: Pontes, 2004.